

## REMOVENDO RÓTULOS: REFLEXÕES SOBRE FAMÍLIAS EM CONTEXTO DE PROSTITUIÇÃO\*

Luis Junior Costa SARAIVA  
Universidade Federal do Pará

*Resumo:* O presente artigo traça algumas discussões sobre família em contexto de prostituição, tomando como material de análise fragmentos da vida de quatro mulheres com as quais convivi durante minha pesquisa de campo no bairro do Jurunas, em Belém do Pará, apresentando as diferentes redes de relações que são acionadas cotidianamente e alguns modelos de família presentes nesse contexto cultural específico.

A prostituição é uma prática sempre existente no cotidiano da cidade, fazendo parte de todo um imaginário sexual. É também um tema presente na literatura através de personagens como Lucíola, a prostituta do romance almeiano, ou mesmo Nana, a famosa cortesã francesa, personagem central de um dos importantes romances de Emile Zola, ambas são punidas com um conjunto de sofrimentos que culminam com a morte delas, ficando claro um determinado olhar social sobre essas mulheres, que deveriam pagar com o sofrimento e a morte, pela vida que tiveram.

Mas hoje, quem são nossas Lucíolas e Nanas? Para responder parte dessa pergunta, nosso olhar se volta para mulheres que estão no exercício da prostituição no bairro do Jurunas, em Belém do Pará, com a intenção de analisar a relação estabelecida entre prostitutas e suas famílias, uma temática a que, segundo Fonseca, não se deu ainda a devida atenção, pois é "uma realidade ignorada pelo senso comum", a idéia então seria "desgudar o tema da prostituição do jogo pendular polícia/médico, como também, mostrar essas mulheres como membros de redes sociais e universos simbólicos que vão bem além do metiê" (1996, p.8).

\* Agradeço a CAPES, que me concedeu bolsa para a realização da referida pesquisa e igualmente concedeu bolsa para cursar o doutoramento e dar continuidade a minhas pesquisas.

Com apoio de bibliografias que tratam das temáticas do gênero e da família, no presente exercício se pretende fazer uma breve reflexão sobre como essas discussões podem ajudar a pensar a família em contexto de prostituição, a partir da pesquisa realizada com mulheres que trabalham como prostitutas no bairro do Jurunas. Como referenciais de análise, serão utilizadas as teorias de três autoras: Elisabeth Bott, que analisa a(s) família(s) enquanto rede social; Dominique Ridley-Leigh, que discute a relação entre família e migração e a importância das mulheres na construção das redes de relações; e Joan Scott e as teorias de gênero.

As fontes analisadas fazem parte da pesquisa realizada no mestrado em antropologia<sup>9</sup>, e são: anotações do caderno de campo, entrevistas com quatro mulheres que têm como atividade a prostituição e anotações de conversas com outras prostitutas que trabalham na área do Jurunas.

A pesquisa foi realizada nas proximidades do Porto do Açaí, da Feira do Jurunas, da casa de show denominada *Dance Days and Night*, conhecida como Cêu, e da Vila da Tia Maria, como são denominados alguns quartos, os quais servem de moradia e também, em alguns casos, para receber os clientes. Todos esses estabelecimentos ficam na Avenida Bernardo Sayão, próximo à rua Conceição, na orla ribeirinha do bairro do Jurunas.

### Algumas considerações preliminares

Scott aponta a necessidade de "teorias que nos permitam pensar em termos de pluralidades e diversidades, em lugar de unidades e universais" (1999, p.203). Podemos pensar então no quanto alguns autores que escreveram sobre o tema olharam a prostituta de maneira homogênea, o que gerou uma naturalização do termo. Seria então mais pertinente falar em prostitutas do que na prostituta singular, pois só assim é possível perceber a diversidade presente no contexto da prostituição feminina.

Ainda seguindo a argumentação da naturalização de determinadas categorias, podemos chegar ao motivo da família ser um tema pouco explorado nos estudos que tratam da prostituição, pois as prostitutas habitam o imaginário masculino e feminino como pertencendo somente ao universo da

<sup>9</sup> Discuto mais detalhadamente alguns pontos aqui apenas referidos, no meu trabalho de mestrado. Cf. SARAIVA, Luis Júnior Costa. *Lúcia, Maria, Caméa: mulheres em trânsito*. Belém: UFPA, 2002. (mimeo)

nome, como na imagem exposta abaixo por Adler, que descreve o cotidiano da prostituta francesa de fins do XIX e início do XX:

*Elas aguardam o cair da noite. Ocultas nas casas, vestidas como bebês ou cobertas de musselina transparente, de pé atrás das janelas iluminadas pela luz do grande número vermelho ou sentadas nas poltronas finidas do salão, esperam com paciência. A noite será longa. De botinhas altas e espartilho curado, a boca vermelha e olhos esfumados, descem até a rua e conquistam, com o passo lascivo e ao mesmo tempo alegre, o coração das cidades (1991, p.9).*

Seria então essa a imagem da prostituta francesa? Mas as prostitutas francesas do final do XIX e início do XX cabem nessa moldura? Pensando as prostitutas que frequentam o bairro do Jurunas, percebo o abismo que se coloca não só entre essa imagem, como também em relação à realidade a qual eu observava agora, o que me fazia questionar o fato de pensarmos a prostituta de uma forma essencializada historicamente, e aprisionada ao bordel. É a figura da eterna prostituta, que não consegue ser retratada além dos limites da condição de prostituta.

Perrot chama atenção ao fato de que a mulher pública é apropriada pelo imaginário social como sinônimo de prostituta, pois segundo ela "a mulher pública constitui a vergonha, a parte escondida, dissimulada, noturna, um vil objeto, território de passagem, apropriado, sem individualidade própria" (1998, p.7), mas, logo em seguida, Perrot vai justamente mostrar que a mulher pública não é somente a prostituta, e sim uma infinidade de mulheres que estão presentes nesse espaço público.

Mas que significados surgem a partir desse público, pois, utilizando ainda o argumento de Perrot, esta define que:

*A "esfera pública", por oposição à esfera privada, designa o conjunto, jurídico ou consuetudinário, dos direitos e dos deveres que delimitam uma cidadania [...] o "espaço público", amplamente equivalente a cidade, é um espaço aberto em que os homens e as mulheres se encontram, se criam e se procuram (1998, p.7).*

A prostituta singular teve, desde então, sua imagem associada no imaginário social ao espaço da rua, mas, do mesmo modo que outras mulheres, essas prostitutas desempenhavam funções no seio de suas famílias. Devemos então, se assim for possível, trazer essas mulheres ao "espaço privado"

de seus lares, para estruturá-las dentro de realidades que ainda hoje parecem não fazer parte de suas vidas, no caso aqui analisado, a família.

### I. As personagens entram em cena

Daremos um breve panorama sobre a vida de quatro mulheres que, entre suas várias funções cotidianas, acumulam a de mães chefe de família<sup>11</sup>. Estas farão parte da análise aqui empreendida, destacando as especificidades de cada uma, em suas vivências divididas entre o lar e o calaré. O fato de essas mulheres serem chefes de família não deve ser deixado de lado sem reflexão, pois tal elemento aponta para o entendimento do que significa chefiar uma família e as implicações sociais que isso tem e ao mesmo tempo ter como atividade a prostituição.

O quadro abaixo apresenta algumas características de quatro mulheres que estão dentro do contexto em que a pesquisa ocorreu e servirá de apoio para as análises que se seguirão:

Quadro I - Vínculo familiar

	Idade	Filhos	Tempo de trabalho na prostituição	Vínculos com a família de origem
Cristiane <sup>1</sup>	19	1 <sup>2</sup>	3 anos	Estreito <sup>3</sup>
Carmem	20	2	3 meses	Nenhum
Telma	25	1	2 anos	Estreito
Rosa	35	3	4 anos	Estreito

<sup>1</sup> Todos os nomes utilizados são fictícios para resguardar a identidade dos interlocutores.

<sup>2</sup> No momento do início da pesquisa, Cristiane estava no terceiro mês de gravidez.

<sup>3</sup> O termo "estreito" é inspirado na classificação feita por Elisabeth Bott, em seu trabalho *Família e Rede Social*, sobre a rede de malha frouxa e a rede de malha estreita. No caso da tabela acima, se refere à ligação que essas mulheres têm com suas famílias de origem, que pode ser: estreita, frouxa ou nenhuma.

Já no primeiro contato com algumas das prostitutas que trabalhavam no bairro do Jurunas, pode perceber que uma parte significativa não vivia no próprio bairro, e nesse caso o lugar de moradia, geralmente, era em

<sup>11</sup> Das pouquíssimas publicações que tratam da família de prostitutas, e especificamente da chefia feminina nesse contexto, conferir: BACELAR, Jeferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.

outro bairro mais afastado. As mulheres que moravam e trabalhavam no bairro, na maioria, vinham de municípios próximos a Belém ou de outros Estados, o que representa bem o fluxo contínuo, ao qual as mulheres estão sujeitadas, pela própria forma como a atividade da prostituição se organiza, ou seja, na constante rotatividade de mulheres.

O constante nomadismo afasta as mulheres fisicamente dos parentes mais próximos, o que nem sempre representa um afastamento afetivo, pois muitas delas, mesmo distante, têm um forte vínculo com os parentes, e principalmente com a mãe, mesmo porque esse vínculo será o apoio para os cuidados com os filhos, pois em muitos casos são as avós que vão cuidar dos filhos das prostitutas, como veremos mais adiante.

Conhecer as redes que existem nesse contexto nos possibilita entender a forma como essas redes são acionadas constantemente. Em conversa com um taxista que esperava clientes em frente ao Céu<sup>11</sup>, perguntei sobre a presença de mulheres de outros lugares, ali no bairro do Jurunas, e este explicou que: "eu não sei se elas chegam aí pelo Porto do Agá, mas eu sei que têm umas maranhenses aí"<sup>12</sup>. Podemos então perguntar o que faz essas mulheres migrarem de seus lugares de origem, para subsistir ou mesmo morar no Jurunas?

Dominique Ridley-Leigh (1979), discutindo a imigração de mulheres, destaca o funcionamento das redes de parentesco e a importância dessas redes para o estabelecimento do parente que vem de outro Estado, assim como a maneira diferenciada como homens e mulheres referem seus vínculos no lugar de destino. Algumas perguntas podem ser elaboradas a partir da reflexão que vem sendo feita: como algumas dessas mulheres que chegam ao bairro com objetivo de obter trabalho vão ser absorvidas pela prostituição? E no momento em que já estão envolvidas na prostituição, quem são as pessoas que as recebem e as introduzem nessa nova atividade? Nesse momento, os laços de família continuam a ser utilizados ou são rompidos em nome de uma moral familiar?

Podemos pensar também a relação diferenciada quando se trata de mulheres que se prostituem, pois a migrante descrita por Ridley-Leigh, que "está fisicamente confinada e centrada em sua própria casa" (1979, p.117), difere da prostituta que está dividida entre a "casa" e a "rua". A

<sup>11</sup> O Céu, bar localizado ao lado do Porto do Agá, é como é chamado um dos locais de prostituição existentes no bairro, o qual se localiza na orla ribeirinha e serve como ponto obrigatório para as pessoas que desembarcam no referido porto.

<sup>12</sup> Anotação em campo registrada em diário em 30/09/2000. O termo "moça" aqui é entendido como sinônimo de virgem.

seguir apresento fragmentos da vida de quatro mulheres com as quais pude conversar durante a pesquisa e com a rede de relações que as envolve, na tentativa de apresentar ao leitor a forma como se configura o cotidiano familiar de mulheres que têm como atividade a prostituição.

## 2. Caminhos cruzados, histórias cruzadas

Numa tarde chuvosa, encontro Carmem, no Céu, e ela me diz que podemos conversar; o nosso encontro vai culminar numa entrevista que durará quase três horas, e logo saberei um pouco mais sobre a sua história de vida. Carmem, com 20 anos, veio do Ceará, migrando juntamente com a família para o município de Garrafão do Norte, no Estado do Pará. Como os irmãos e o pai não aceitavam o fato de ela ter um filho "sem pai", e não ser mais virgem, isso vai gerar um conflito interno na família, pois, como o próprio pai de Carmem vai afirmar a esta, "tu não tem mais direito de estar aqui dentro de casa, mesmo não. Junto com as minhas filhas que são moças"<sup>13</sup>, terminando por expulsá-la de casa.

Percebemos na fala do pai de Carmem a virgindade como um valor moral, pois, como Carmem não casou virgem e ainda teve um filho, acabou por manchar a honra da família, perdendo os seus direitos de filha, e mais, ela, não sendo mais virgem, vai comprometer a moral das outras filhas que ainda são. Já a mãe de Carmem, ao contrário do pai, pede à filha que fique na casa, colocando-se ao lado desta, mas, diante da pressão dos irmãos e principalmente do pai, a mãe de Carmem termina por anular-se em relação ao apoio que dava à filha.

Fica marcante, nesse caso, a presença de alguns valores do modelo de família patriarcal, em que o pai surge como a figura central nas decisões no seio da família, dando a última palavra, a figura do guardião do lar.

Carmem veio então para Belém, à revelia do pai, e aqui ficou grávida, mas o pai da criança, não querendo assumir, propõe a esta que aborte. Dessa relação resultou um filho, pois, como Carmem não aceitou abortar, teve então que assumir o filho, sozinha. Segundo ela, ao receber a proposta de abortar, do pai da criança, sua resposta foi a seguinte: "eu não quero, se eu tomar remédio pra botar fora, isso é um pecado em minha vida e eu nunca vou pagar"<sup>14</sup>. Foi então que a irmã do pai de seu filho, Rosa, a levou até o Jurunas e iniciou Carmem na prostituição.

<sup>13</sup> Entrevista com Carmem em 22/11/2000.

<sup>14</sup> Entrevista com Carmem em 22/11/2000.

É mais evidente que na falta da rede de parentesco que sirva como ponto de apoio para a migrante, esta busca recriar outras redes, seja junto aos vizinhos ou com os parentes que surgem a partir de um novo tela momentâneo, como no caso de Carmem.

Rosa, que também é uma das prostitutas destacadas no quadro exposto anteriormente, é cunhada de Carmem, isso de alguma forma vai contar para o apoio que esta recebe, da família do seu agora ex-compartilhado, e percebemos, como nas mulheres estudadas por Dominique, que o eixo matrilateral é marcante na relação da migrante com seus parentes. Pensando na relação estabelecida por Carmem com a sua nova família, o apoio maior é do lado feminino e não masculino.

Podemos perceber também a maneira como, na falta de laços de parentesco por consangüinidade, são criados laços de parentesco por afinidade, pois, quando do contato com Rosa, esta disse que tinha uma amiga muito nova, que era prostituta, na verdade tratava-se de Carmem, que se referia à Rosa como sua irmã consangüínea. O que ocorre é que Carmem não era irmã consangüínea de Rosa, e sim sua cunhada, mas procurava de um referencial para se estabelecer na área, e ser irmã de Rosa é uma maneira de ter uma identidade no espaço de trabalho, como também na própria família de Rosa, que agora é a sua família.

Rosa tem dois filhos, e mora em uma casa no bairro Jibóia Branca, distante do bairro do Jurunas. Ao perguntar à Rosa o motivo de escolher trabalhar naquele espaço, ela responde:

*É que eu não quero que a minha família saiba, é por isso que eu me visto como se eu fosse trabalhar num outro lugar qualquer, aí os vizinhos pensam que eu trabalho em supermercado, aí quando eu chego aqui eu troco de roupa, eu passo o dia todo aqui e à noite eu volto pra casa, pra ficar com os meus filhos<sup>13</sup>.*

Prostituir-se em um lugar distante foi a maneira encontrada por Rosa para livrar-se do controle da vizinhança, pois, sendo o Jurunas um bairro afastado do seu, seria mais difícil que alguns dos seus conhecidos a encontrassem. Mas a situação vivida por Rosa mostra-se significativa para o entendimento de como a prostituição, hoje, assume contornos que merecem uma análise mais cuidadosa para que o pesquisador perceba as especificidades presentes no contexto social estudado.

<sup>13</sup> Anotação em campo registrada em diário em 06/10/2000.

Uma análise apressada nos faria pensar que a preocupação de Rosa é de que sua família não saiba que ela é prostituta, mas, logo a partir dos relatos da pesquisada, sei que seus parentes sabem sobre a sua ocupação. Sua preocupação, na verdade, é com os vizinhos, são eles que exercem a coerção sobre Rosa, e não a sua família, pois quando Rosa se veste como se fosse trabalhar num supermercado não é para esconder sua atividade como prostituta da família e sim dos vizinhos.

Ainda pensando a influência da vizinhança sobre a vida dos moradores de um bairro, tomaremos o caso de uma das mulheres que é moradora do Jurunas. Telma, com 25 anos, tem um filho e trabalha à noite nas proximidades do Céu, vendendo cigarros e café. No meu primeiro contato com Telma, esta me apresentou algumas colegas que eram prostitutas, mas em momento algum deixou perceber que também era prostituta. Alguns dias depois, encontro novamente com Telma, esta acabara de chegar da casa da família do seu ex-companheiro e estava muito apreensiva. Perguntei o motivo da sua preocupação e de não ter trabalhado, fazia algumas semanas, e ela respondeu:

*Eu ando meio preocupada, porque o meu ex-marido quer tomar o meu filho e eu estou brigaando com ele na justiça. Depois que o meu filho nasceu nós se separamos e agora ele quer ficar com o meu filho, mas a minha mãe gosta muito do meu filho, é ela mais que cuida dele. Eu também não posso sair por causa do meu filho, o meu marido, nós se deixamos porque ele não gostava que eu saísse.<sup>16</sup>*

A verdadeira preocupação de Telma é esconder da justiça a sua ocupação, com medo de perder a guarda do filho, pois, quando esta diz que seu marido a abandonou porque ela gostava de sair, esse sair é sinônimo de prostituir-se. Podemos pensar ainda no papel assumido pela mãe de Telma, no cuidado com o neto, pois muitas das interlocutoras recorrem a parentes ou mesmo a amigos para ficarem com seus filhos, mas na maioria são as avós as primeiras a serem solicitadas.

A partir daqui podemos pensar nas redes de relações que são utilizadas no caso das mulheres prostitutas que moram ou trabalham no Jurunas e o quanto essas redes vão influenciar na vida dessas mulheres que fazem parte de uma família que está, por sua vez, inserida em um bairro onde es-

<sup>16</sup> Anotação em campo registrada em diário em 12/11/2000.

do presentes parentes, amigos e vizinhos. Mas, antes de seguir adiante na presente discussão, dois pontos merecem ainda ser destacados: a presença marcante das avós no cuidado dos netos das mulheres que trabalham como prostitutas e nesse sentido aquilo que podemos denominar de *mulheres Jurunas*, ou seja, as mulheres da família são as que apóiam ativamente as mulheres pesquisadas, e, segundo é possível perceber, também a importância que têm as pessoas que vivem nos lugares dos quais as mulheres vieram, visto que muitas delas continuam visitando a família e, nesse sentido, tendo uma preocupação de não serem vítimas de preconceitos no seu lugar de origem, o que termina por apresentar um elemento muito evidente nas situações que envolvem estigma, ou seja, a criação de um espaço sagrado, e nesse sentido é patente a forma como o lugar de origem torna essa característica para algumas das mulheres pesquisadas.

Ao estudar famílias inglesas, Bott deixa claro que está "discutindo algumas famílias e não todas as famílias ou a família" (1979, p.34), o que se aproxima da proposta do presente estudo, que é analisar algumas famílias e não a família enquanto categoria essencializada e essencializadora.

Bott aborda essas famílias como todos sociais, mas não considera a influência de fatores externos, sendo um dos principais fatores externos a influência da comunidade sobre a família.

Elias, ao analisar o trabalho de Bott, argumenta que esta falha, no momento em que não dá a devida importância para as influências externas sobre a estrutura familiar, pois, segundo ele:

*O exemplo da "aldeia" de Winston Parva mostra que considerar uma comunidade como uma unidade dotada de uma estrutura específica não é tão enganoso quanto sugeriu E. Bott e que é perfeitamente possível investigar a estrutura das famílias e da comunidade ao mesmo tempo. Quando isso é feito, logo transparece a interdependência dessas respectivas estruturas (2000, p.197).*

Podemos pensar, então, nas redes de relações presentes no contexto de um bairro como o Jurunas e o quanto estas influenciam a estrutura dessas famílias. No caso da vizinhança, esta serve, como já vimos, como um mecanismo de coerção social sobre o indivíduo, pois nada escapa, usando a expressão utilizada por Foucault (1974), ao olhar panóptico da vizinhança. Esse olhar panóptico é, segundo Foucault, o olhar da sociedade sobre o indivíduo, no sentido de um olhar que pode alcançá-lo onde quer que ele esteja dentro de uma sociedade.

Do mesmo modo que Carmem tem uma rede de parentes e amigos que defendem sua identidade de prostituta não vir à tona, do outro lado há uma outra rede ligada ao ex-marido de Carmem e que estará pronta a denunciá-la, caso ela seja vista trabalhando como prostituta na área.

Temos ainda a fofoca, que surge como uma das formas de controle social dentro de um grupo e é, segundo Sahlins, o momento em que as pessoas "contam acontecimentos encantados tão fabulosos quanto aqueles contados nos mitos. É algo do mito no dia-a-dia" (1990, p.76). A fofoca ganha assim a importância como uma forma não só de controle como também de socialização, em que vizinhos rivais encontram-se unidos, mesmo que temporariamente, contra um outro, na trama do dia-a-dia dentro do bairro, é também o espaço das críticas às condições de vida no bairro, à vida íntima das outras famílias, a nascimentos e mortes que ali acontecem, toda essa gama de informações é repassada cotidianamente através da fofoca.

O estudo da família de mulheres que têm como atividade a prostituição nos coloca em contato com diversos arranjos familiares, nos quais a presença do apoio feminino é maior que o masculino, que, em alguns casos, parece ser quase inexistente.

E o que fica patente nessa realidade é a gama de relações que estão sendo pautadas a partir de padrões morais presentes tanto nos arranjos familiares quanto nas relações de parentesco e vizinhança. O contato com essas pessoas que fazem parte do contexto do bairro pode ser muito significativo para o entendimento do funcionamento da família de tais mulheres, pois, como pude perceber, essas relações presentes no espaço da prostituição terminam por se expandir até o lar de cada uma dessas mulheres.

A riqueza do cotidiano dessas mulheres, que vai além do cabaré, começa a se descortinar diante dos nossos olhos, quando, por exemplo, Cristiane, que está esperando o seu segundo filho, me diz: "eu vou conversar com os meus casos, as minhas amigas também, e vou fazer um chá de bebê, eu sei que eles são legais e vão contribuir"<sup>17</sup>.

Cristiane, sabendo que ficará um tempo sem trabalhar, vai buscar o apoio de seus clientes e de suas companheiras de trabalho, e no chá de bebê ela não é somente a prostituta, ela é a mãe que agora espera pelo segundo filho.

<sup>17</sup> Anotação em campo registrada em diário em 08/01/2001.

## Considerações Finais

Algumas idéias podem ser pensadas a partir da discussão realizada, como sobre as redes de solidariedade presente na relação entre as mulheres prostituídas e pessoas que estão, se assim podemos dizer, nos bastidores da cena, são as avós, tias e outros parentes ou até mesmo amigas que vão dar apoio a essas mulheres que estão na prática da prostituição.

Percebendo que as redes afetivas femininas são mais fortes e mais valorizadas dentro da relação do que as masculinas, isso reflete os estereótipos que marcam a figura da mulher prostituída, e, utilizando a expressão trabalhada por Bott, podemos dizer que da parte feminina das relações estudadas temos uma rede de relações mais estreita, no sentido da maior participação feminina no conjunto de relações cotidianas vivenciadas pelas mulheres, enquanto que a rede masculina, mesmo existindo, não ocupa esse lugar, sendo uma rede mais frouxa e que, em muitos casos, tem que ser negociada, pois esbarra em valores patriarcais.

Nesse sentido, é interessante apontar a presença, não de um, mas de vários modelos de família que são acionados cotidianamente e reconfigurados a partir da dinâmica vivida por cada uma dessas mulheres, tais relações familiares construídas dentro da realidade estudada.

Seguindo um pouco mais de perto essas redes, foi possível perceber um conjunto de relações existente no bairro do Jurunas, é a apropriação de diferentes espaços que, mesmo próximos geograficamente, são distantes culturalmente, pois lugares como o Cêu e a Vila da Tia Maria são locais que sofrem um forte estigma, e uma simples menção a estes causa constrangimento nas pessoas que conhecem a fama desses lugares como "antros de perdição", mas como um bairro não é feito só de lugares e sim do conjunto de relações entre aqueles e aquelas que lá habitam, pois pensar essas relações é pensar a própria vida do bairro.

Aproximando a lupa, os monstros que habitam o nosso próprio imaginário vão se dissipando e dando lugar a todo um complexo social onde o tradicional e o moderno estão presentes, até mesmo nas palavras de um morador do bairro, que tomando um gole de cachaça observa a fumaça vinda de um lixo que está sendo queimado por outra moradora e, ao ser incomodado pela fumaça, exclama calmamente: "é incrível como as pessoas saem do sítio, mas o sítio não sai das pessoas". São ruídos que não se resolvem no texto escrito, e sim a partir de toda uma dinâmica social presente em tal realidade.

## BIBLIOGRAFIA

- ADLER, Laure. *Os bordéis franceses: 1830-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, Círculo do Livro, 1991.
- BAEGLAR, Jéferson Afonso. *A família da prostituta*. São Paulo: Ática, 1982.
- BOTT, Elizabeth. *Família e Rede Social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.
- FONSECA, Claudia. "A dupla carreira da mulher prostituta". *Revista Estudos Feministas (UFCS/UFRJ)*, V. 4: N 1, 7-33, 1996.
- FOUCAULT, Michel. *A verdade e as formas jurídicas*. Cadernos da PUC, Rio de Janeiro, 1974.
- PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. São Paulo: UNESP, 1998.
- RIDLEY-LEIGH, Dominique. "Mulheres na Migração: Redes de parentesco como uma estratégia de sobrevivência". In: *Encontros com a Civilização Brasileira*, 26 (Mulher Hoje).
- SAILLINS, Marshall. "Outras épocas, outros costumes: a antropologia da História". In: *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- SARAIVA, Luis Junior Costa. *Lúcia, Maria, Carmen: mulheres em trânsito*. Belém: CFCH/UFPA, 2002. (mimeo)
- SCOTT, Joan W. "Igualdade versus Diferença". In: *Debate feminista, Cidadania e Feminismo*. São Paulo: Cia. Melhoramentos, 1999.